

A CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA: Desvendando ‘as faces do ser(tão)’

THE CONSTRUCTION OF GEOGRAPHIC REASONING IN GEOGRAPHY CLASSES: Unveiling ‘the faces of ‘ser(tão)’

Vanessa Martins Lopes¹

¹ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: wan.martins19@gmail.com

RESUMO: A Geografia Escolar tem como papel a formação de cidadãos que possuam senso crítico da realidade, capazes de compreender a complexidade inerente ao espaço geográfico. Para tal, o ensino de Geografia na Educação Básica deve construir o raciocínio geográfico a partir da realidade do aluno, tendo como compromisso a superação da dicotomia entre Geografia Física e Humana. Nesse texto será discutido a experiência de uma disciplina, ‘As faces do Ser(tão)’, ministrada no Ensino Médio de uma escola pública, no Sertão da Paraíba. A experiência foi exitosa, contribuindo para compreensão do espaço sertanejo, por meio de olhar integrado e crítico-reflexivo.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Educação Básica. Semiárido. Paraíba.

ABSTRACT: School Geography's role is to train citizens who have a critical sense of reality, capable of understanding the complexity inherent to geographic space. To this end, the teaching of Geography in Basic Education must build geographic reasoning based on the student's reality, with a commitment to overcoming the dichotomy between Physical and Human Geography. This text will discuss the experience of a subject, ‘As faces do Ser(tão)’, taught in high school at a public school, in the Sertão of Paraíba. The experience was successful, contributing to the understanding of the country space, through an integrated and critical-reflexive perspective.

Keywords: Teaching Geography. Basic education. Semi-arid. Paraíba.

Sumário: Introdução – 1 Material e Método – 2 Resultados e Discussão – Considerações – Referências.

INTRODUÇÃO

A Geografia Escolar tem como uma de suas missões contribuir para a formação de cidadãos que possuam visão crítica da realidade e se vejam como peça essencial para a construção de uma sociedade melhor. No Brasil, ela antecede a Geografia Acadêmica, pois ao passo que a primeira foi institucionalizada como disciplina escolar, em 1837, no Colégio Dom Pedro II, o primeiro curso de formação de professores só foi implantado em 1934, na Universidade de São Paulo (Cavalcanti, 2012).

No entanto, antes de ser oficialmente inserida no currículo educacional brasileiro, a Geografia já estava sendo abordada nas escolas de todo país. No período colonial, dentro de um viés naturalista e descritivo, se construiu importante base para a Geografia como um todo, por meio de relatos de viagens dos naturalistas sobre as terras tropicais brasileiras. Assim, nos primórdios da educação

jesuítica, o conhecimento geográfico disseminado era pautado em viés tradicional de descrição de informações, de modo geral sobre a Terra (Albuquerque, 2011). Desde a sua institucionalização, a Geografia Escolar conviveu (e ainda convive) com uma série de limitações desde aspectos teórico-metodológicos de ensino até os instrumentos pedagógicos utilizados como aporte da disciplina.

Dentre os instrumentos utilizados para se ensinar geografia ao longo da história da educação brasileira, o livro didático certamente é o que possui maior peso. Ele conseguiu se perpetuar ao longo dos séculos como o recurso pedagógico mais presente nas escolas, se tratando não raramente da única fonte de informação utilizada nas aulas. Porém, embora a importância como suporte no cotidiano escolar, mesmo no contexto atual da era da tecnologia, ele apresenta limitações, o que requer que o professor busque outros recursos e materiais didáticos para suprir as lacunas dentro do processo de ensino aprendizagem (Castrogiovani; Goulart, 1998; Pontuschka; Paganelli; Cacete, 2009).

Além disso, no que tange aos aspectos qualitativos, mesmo com o passar dos anos, ainda se observa em alguns livros didáticos a prevalência de uma geografia tradicional, embasada no método descritivo e mnemônico, desvinculada da preocupação com a resolução dos problemas socioespaciais presentes na sociedade atual. Considerando a importância da Geografia Crítica na formação dos sujeitos e na compreensão do espaço geográfico, é preciso que o professor saiba como utilizar esse recurso na sala de aula, a fim de que o livro didático não se perpetue como um recurso político-ideológico que induza a alienação dos indivíduos em formação (Copatti, 2017).

Em meados do século XX, com a crise da Geografia Tradicional, houve movimento de renovação da Geografia brasileira, que não foi unitário, mas possuiu várias vertentes, dentre elas a da Geografia Crítica. No contexto escolar, a adoção desta Geografia não significava apenas a renovação de conteúdos, mas de metodologias, incorporando novas atitudes e procedimentos didáticos. Essa geografia exigia a extrapolação da aula expositiva e a incorporação de novos recursos como, por exemplo, estudos do meio, dinâmicas de grupo, trabalhos dirigidos, debates, uso de recursos tecnológicos, atividades interdisciplinares, (Vesentini, 2004).

Chega-se, então, às limitações decorrentes das posições teórico-metodológicas de ensino adotadas até então. Sendo desde a sua gênese, marcada pelo caráter mnemônico e descritivo, é exigida agora da Geografia Escolar uma postura crítico-reflexiva do espaço geográfico. No entanto, a construção dessa Geografia nas escolas se deu de forma verticalizada e não coletiva, e a maioria dos professores da época a conheceu pelos livros didáticos.

A ausência de uma construção intelectual fez com que os conteúdos, sob orientação da linha crítica, chegassem aos educadores de forma pronta, contribuindo para a permanência das posturas e práticas tradicionais (Straforini, 2004). Hoje, a Geografia Escolar do século XXI, embora tenha experimentado avanços teóricos e didáticos, ainda não conseguiu superar totalmente o seu viés tradicional (Castrogiovanni, 2014).

Outro dilema enfrentado pela Geografia ao longo de sua consolidação enquanto ciência, e conseqüentemente com reflexos no âmbito escolar, é a dicotomia entre Geografia Física e Humana. Essa separação tem empobrecido as abordagens geográficas, cooperando com o estereótipo dessa disciplina como desinteressada e desinteressante, de cunho meramente reprodutivista e conteudista (Castrogiovanni, 2007).

Essa dicotomia antagônica, tão impregnada na geografia, não faz sentido. Não se pode compreender a Geografia Humana sem entender as forças físicas que moldam ambiente, e da mesma forma, a Geografia Física é enriquecida quando se considera as influências humanas. Essa postura dicotômica é uma construção que obscurece a complexidade da relação entre sociedade e natureza. O espaço não deve ser dicotomizado em físico e humano, já que se constitui da dialética entre o sistema de objetos e ações (Santos, 2004).

No que se refere à abordagem da Geografia Física na educação básica, tem-se dado de forma fragmentada (Moreira, 2004). O trabalho com os componentes físico-naturais encontra dificuldades didático-pedagógicas, que certamente colaboram para o distanciamento dessas duas perspectivas. Dentre eles, pode-se citar: lacunas no processo de formação docente; permanência de abordagens com caráter descritivo e informativo; utilização de escalas temporais e espaciais inadequadas à aprendizagem do aluno e ao seu espaço vivido e; o distanciamento de abordagem geográfica que propicie o raciocínio geográfico.

No ensino dos componentes físico-naturais e problemas ambientais, além da negligenciação que muitas vezes ocorrem, nas abordagens, o social costuma ser usado apenas para explicar a organização espacial, cooperando para a dissociação entre o físico e o social (Cunha; Leite, 2020; Morais; Ascensão, 2021). No entanto, é preciso lembrar que na educação básica não há geografia física e geografia humana, há apenas a Geografia. Portanto, ela deve ser trabalhada dentro da perspectiva que evidencia a interação, interdependência e indissociabilidade entre os diversos componentes físico-naturais e sociais (Morais; Ascensão, 2021).

Além do exercício da não dicotomização da Geografia, é importante levar o aluno a percebê-la no seu cotidiano, ou seja, é crucial que o professor construa por meio de sua prática uma geografia que faça sentido para o aluno. Partir da realidade do indivíduo, pelo estudo do meio, permite ao discente aprender a observar na aparente banalidade do cotidiano os aspectos contraditórios ali presentes. A aparente normalidade dos arranjos socioespaciais impede um olhar mais profundo (Lopes; Pontuschka, 2009).

Não se pode simplesmente ignorar o contexto geográfico que a escola está inserida, pois uma escola enraizada no lugar, se alimenta da sua força, e cumpre o seu papel de transformação da sociedade (Santos, 2004). Nesse contexto, o ensino da geografia a partir do estudo do meio e do contato direto com a realidade local, proporciona uma aprendizagem significativa (Lopes; Pontuschka, 2009). Para que a aprendizagem seja significativa, ela deve ser relevante, contextualizada, integrada ao conhecimento prévio do aluno, promover o exercício reflexivo, e ter o professor não como detentor, mas como mediador do conhecimento (Fernandes, 2011; Moreira, 1999).

A construção de raciocínio geográfico por meio da percepção da espacialidade, permite a superação de uma aprendizagem meramente memorizadora. A partir dele, o aluno será capaz de analisar, interpretar e compreender os diversos fenômenos presentes no espaço geográfico. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, Brasil, 1997) e mais recentemente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, Brasil, 2017), enquanto documentos normativos curriculares, têm incumbido à Geografia a missão de superação destas debilidades. No contexto atual, a BNCC elucida que a Geografia deve contribuir

para o desenvolvimento de competências e habilidades que promovam o raciocínio geográfico, permitindo a compreensão da espacialidade dos fenômenos.

Em sua proposta, a BNCC demonstra a influência da corrente humanista-fenomenológica, enfatizando a necessidade de desenvolver no discente a capacidade de pensar espacialmente, construindo o raciocínio geográfico. A educação geográfica proposta, reconhece o aluno como sujeito e o considera no processo de ensino-aprendizagem a sua identidade, vivência e visão de mundo (Brasil, 2017).

No entanto, reconhecendo a importância da inserção da subjetividade do sujeito no processo de ensino aprendizagem, é válido considerar, diante das várias críticas tecidas ao viés evocado na BNCC e no Novo Ensino Médio (NEM), o perigo do esvaziamento científico-conceitual. Enquanto executor do currículo, o professor deve encontrar um equilíbrio para que não haja uma “hipersubjetividade de cunho humanístico” (Vasconcelos; Martineli, 2023, p. 284).

Assim, a negligência epistemológica e conceitual, pode abortar a formação e consolidação do raciocínio geográfico genuíno, sobre uma base sólida, já que o conhecimento conceitual, também, precisa ser a base do currículo (Copatti; Carvalho Sobrinho, 2022; Moreira; et al., 2016; Vasconcelos; Martineli, 2023; Young, 2011). Neste sentido, o raciocínio geográfico, é uma forma de exercitar o pensamento espacial, e aplica alguns princípios essenciais para compreender as formas e dinâmicas presentes no espaço geográfico. Esses princípios são: analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem (Brasil, 2017).

A analogia se trata da comparação entre os fenômenos geográficos, a partir da identificação das semelhanças e diferença entre eles. Na conexão é reconhecido que um fenômeno geográfico nunca acontece isoladamente, mas interage com outros. A diferenciação considera a variação dos fenômenos que resultam na diferença entre áreas. Na distribuição, avalia-se a forma como os objetos se repartem e se organizam pelo espaço.

A extensão, configura-se na delimitação do espaço finito e contínuo da ocorrência do fenômeno geográfico. A posição particular de um objeto na superfície terrestre, trata-se da localização, que pode ser absoluta (expressa por coordenadas geográficas) ou relativa (definida por relações espaciais topológicas ou por

interações espaciais). Por fim, a ordem ou arranjo espacial é o princípio geográfico mais complexo, pois está ligado ao modo de estruturação do espaço geográfico o qual está submetido às regras da sociedade que o produziu.

Estes princípios devem ser aplicados na investigação dos objetos do conhecimento e principais conceitos da Geografia (Espaço, Paisagem, Lugar, Território, Região e Natureza), como forma de construir e exercitar o raciocínio geográfico, importante não somente no âmbito escolar, mas na vida em sociedade pela capacidade de pensar criticamente e resolver problemas cotidianos.

Diante das mudanças estruturais curriculares impostas pelo Novo Ensino Médio (NEM), surgem dentre outras propostas as Disciplinas Eletivas, que são parte da flexibilização do currículo objetivando fortalecer o Projeto de Vida dos discentes e aprofundar as unidades temáticas dos componentes curriculares da BNCC. Estas disciplinas são oferecidas semestralmente com temas sugeridos pelos educadores e estudantes.

A proposta das disciplinas, que obrigatoriamente passaram a ser ofertadas com a implantação do NEM, de acordo com a Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba (SEECT/PB), é de que tenham como característica principal a atratividade, dinamicidade e interdisciplinaridade, considerando o contexto do estudante para que os temas trabalhados tenham como resultado uma aprendizagem significativa (SEECT/PB, 2021).

Acredita-se que a escola só terá de fato relevância na vida do aluno, quando o que se aborda faça sentido para sua existência. A manutenção de práticas de ensino que negligenciam e totalmente distantes da realidade dos estudantes, coopera como fator de impedimento à construção de sujeitos cidadãos, impedindo-os de se tornarem protagonistas de sua própria história. A aprendizagem significativa permitirá ao aluno conhecer e compreender o mundo em que vive, a partir dos conteúdos abordados, e indo mais além, instrumentalizando o conhecimento adquirido na resolução dos problemas do seu cotidiano (Callai, 2011; De La Fuente, 2021).

Nesse texto será discutido a experiência de uma disciplina eletiva ofertada em uma escola pública estadual, no município de Sousa/PB, intitulada: 'As faces do ser(tão)', ministrada aos alunos do 1º ano do Ensino Médio. Apresentou e

discutiu aspectos do Sertão nordestino brasileiro, em suas diversas nuances, construindo e fortalecendo a identidade do aluno sertanejo com o seu lugar.

Dentro de uma perspectiva de integração de elementos físico-naturais e socioculturais, esse recorte espacial foi abordado com a preocupação da superação da dicotomia entre Geografia Física e Humana, enfatizando como os aspectos naturais e sociais são interligados. Nas ações desenvolvidas foram aplicados os princípios do raciocínio geográfico, como forma de desenvolver a capacidade de compreensão do espaço geográfico e a resolução de problemas cotidianos.

Ademais, como parte indispensável das disciplinas eletivas, tentou-se desenvolver uma proposta de forma mais atrativa e prática, por meio da utilização de diversas linguagens e metodologias para o ensino de Geografia. Ao final da disciplina, considerou-se o resultado positivo, pois permitiu uma abordagem mais leve e, ao mesmo tempo, profunda, trabalhando progressivamente junto aos discentes, o exercício de uma análise crítico-reflexiva da realidade.

1 MATERIAL E MÉTODO

Assim como em outros segmentos, dentro do processo educativo, a teoria não deve estar desvinculada da prática, e, vice-versa. Cada vez mais fica evidente a necessidade do professor-pesquisador, seja um profissional com uma postura crítico-reflexiva e, que pesquisa a sua práxis docente, tendo em vista o seu aperfeiçoamento. É certo que não há ensino sem pesquisa, tampouco há pesquisa sem ensino (Freire, 1996; Pimenta; Lima, 2017).

Posto isso, como parte essencial e imprescindível da prática, esse trabalho se iniciou a partir da análise teórica e reflexiva do ensino de Geografia na Educação Básica. A compreensão das implicações conjunturais sobre a Geografia Escolar ao longo da história, dos desafios epistemológicos e didáticos, da natureza dos documentos normativos curriculares, dentre outros fatores, é pré-requisito para o aperfeiçoamento do ensino geográfico nas escolas do século XXI.

O objeto de estudo e aplicação das ações foram alunos do 1º ano do Ensino Médio regular de uma escola pública da rede estadual do Sertão da Paraíba, na zona urbana de Sousa. Os estudantes, oriundos de diversas turmas da escola, matricularam-se na disciplina 'As faces do Ser(tão)'. O objetivo principal era construir a compreensão do sertão nordestino a partir da perspectiva de espaço

vivido do educando, sob uma ótica que abarcasse a integração, a relevância e o sentido do conhecimento geográfico, a partir do exercício e da aplicação dos princípios do raciocínio geográfico.

A execução do conteúdo programático e ações previstas, envolviam diversidades de linguagens e metodologias de ensino. As aulas expositivo-dialogadas, ministradas com auxílio de *datashow* e apoio de recursos audiovisuais, foram proporcionalmente menos frequentes dentro da ementa da disciplina, e conduzidas de forma a estimular o aluno na participação dos debates, na construção das ideias e na reflexão de situações apresentadas.

Assim, no caso em questão, quando realizadas, as aulas expositivo-dialogadas sempre propunham durante e/ou ao final da aula um exercício reflexivo do conteúdo abordado, seja por meio da oralidade ou da escrita. Além disso, também, foram promovidas rodas de conversa, onde foram abordados temas emblemáticos como a 'indústria da seca', de forma a estimular a construção do raciocínio geográfico por meio do princípio da ordem, em uma análise conjuntural e conectiva de fatores geográficos.

Fora utilizadas diversas linguagens de ensino, já que a disciplina, também, teve como proposta apresentar e analisar obras artísticas de cunho literário, iconográfico, musical e audiovisual que retratassem o sertão, visando observar os diferentes olhares sobre esse espaço, bem como os aspectos enfatizados retratados pelos artistas. Assim, algumas obras importantes analisadas foram 'Os sertões' de Euclides da Cunha, 'A triste partida' composta por Patativa do Assaré e estrelada por Luiz Gonzaga e 'Os retirantes' de Cândido Portinari.

Como a avaliação é um processo diverso e contínuo, a turma foi avaliada no decorrer das atividades propostas, por meio da participação e engajamento nas ações. Ao final, realizou-se uma atividade de caráter mais lúdico e prático: uma oficina de 'isogravura', reproduzindo de forma mais simplificada, com o uso do isopor, a arte da xilogravura. A produção desse material concreto de cunho artístico, pôde estimular a criatividade e valorização das habilidades artísticas do alunado. Considera-se que a disciplina ministrada conseguiu cumprir o seu objetivo, colaborando para o aprendizado do sertão sob uma perspectiva mais crítica, mas, ao mesmo tempo, dotada de significado para os discentes.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando as fragilidades dicotômicas e didático-pedagógicas que acompanham o ensino da Geografia na Educação Básica, houve um esforço em combatê-las por meio da prática pedagógica, a partir da ideia evocada por Pontuschka (2004) de que o meio é uma geografia viva. Dentro das mudanças questionáveis do NEM, os componentes curriculares eletivos, podem ser configurados em um ambiente favorável para o desenvolvimento de trabalhos como este, dada a possibilidade e diversidade de temas relevantes, bem como das inúmeras formas de abordá-los em sala de aula.

Posto isso, foi ofertada a disciplina 'As faces do (ser)tão' para alunos do 1º ano do Ensino Médio – visto que embora as eletivas serem disponibilizadas para todas as séries dessa modalidade, este era ainda o primeiro ano de implantação. O objetivo proposto pela disciplina ministrada foi fazer uma análise do sertão nordestino em suas múltiplas faces, entrelaçando os aspectos físico-naturais àqueles de caráter socioculturais e econômicos. Para tal, apresentou-se, discutiu-se e analisou-se o contexto geoambiental, social, histórico, cultural e econômico que envolve o sertão nordestino, permitindo a sua compreensão a partir dos princípios do raciocínio geográfico citados na BNCC.

O Sertão nordestino brasileiro é uma área submetida à severas condições climáticas, marcada pela irregularidade pluviométrica e pelos prolongados períodos de seca, que transformam a paisagem temporariamente verde, em uma floresta branca popularmente conhecida como caatinga.

Historicamente, a vida no semiárido nunca foi fácil, no entanto, esse ambiente um tanto hostil, conforme retratado por Euclides da Cunha, em 1984, forjou um homem forte, capaz de enfrentar árduos desafios para sobreviver e mostrar a sua força. No sertão, aprendeu a decifrar a natureza para conviver com a seca e garantir o seu sustento; no Sudeste, usou suas mãos calejadas para construir a 'selva de pedras', que seria pouco tempo depois, 'o coração do Brasil'. O sertão é marcado por um emaranhado de histórias que revelam luta, dor e sofrimento, mas também, revelam força, fé, coragem, resistência e resiliência. Nas palavras de Euclides da Cunha "o sertanejo é, antes de tudo, um forte" (Cunha, 1984, p. 170).

Diante disso, justifica-se a relevância do tema escolhido para a disciplina, dado o papel que o sertão e o sertanejo exerceram, e ainda exercem, na história do país. Torna-se necessário realçar e resgatar essa importância social, histórica, econômica e cultural, bem como compreender o contexto geoambiental que envolve o semiárido nordestino, utilizando como filtro o princípio da conexão e da ordem. O tema se mostra ainda mais relevante ao considerar a importância do espaço vivido no processo de ensino-aprendizagem, e a inserção do aluno nesse recorte espacial, bem como a vivência da família e da comunidade escolar em muitos dos fenômenos histórico-geográficos discutidos nas aulas, o que dá mais sentido a essa aprendizagem.

Outro aspecto importante considerado, foi o intuito dessa disciplina em elucidar a importância do sertão nordestino para o Brasil e o mundo, em todas as esferas físico-naturais e sociais. A abordagem dos temas foi uma tentativa de romper com os estereótipos e o preconceito construído ao longo de gerações acerca dessa região, despertando nos discentes a apreciação pelo sertão enquanto espaço vivido e lugar de identidade e cultura.

A metodologia utilizada na envolveu outros recursos metodológicos para além da tradicional aula expositiva como: rodas de conversa, atividades de pesquisa, apresentação e análise de importantes obras literárias e conteúdos audiovisuais (poesias, músicas, mapas, pinturas, imagens e outros materiais iconográficos), bem a produção de material concreto, por meio da oficina de isogravura. Utilizando esses recursos didáticos, dentro do conteúdo programático expresso no Quadro 1, foram trabalhados os princípios inerentes ao raciocínio geográfico, de modo que, na abordagem de alguns objetos do conhecimento alguns princípios foram tratados de maneira mais explícita.

Quadro 1 - Conteúdo programático da disciplina eletiva 'As faces do (ser)tão'

| TEMA/OBJETO DO CONHECIMENTO | ALGUMAS HABILIDADES DA BNCC |
|--|--|
| O sertão - Localização geográfica, extensão e delimitação. | (EM13CHS206) Compreender e aplicar os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, entre outros relacionados com o raciocínio geográfico, na análise da ocupação humana e da produção do espaço em diferentes tempos. |
| O contexto geoambiental do sertão - Clima e relevo - Solos e vegetação - Disponibilidade hídrica | (EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.). |
| O sertão e a seca - Eventos extremos - Grandes secas no sertão nordestino - A indústria da seca | (EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade etc), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos. |
| O sertanejo: resistência e resiliência - Revoltas no Sertão nordestino - Os movimentos migratórios - O sertanejo no Sudeste | (EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos. |
| A cultura sertaneja - Panorama geral - Xilogravura | (EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. |
| O sertão e o sertanejo sob a ótica de grandes artistas - Literatura - Pintura - Música - Cinema | (EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica, iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. |

Fonte: Adaptado BNCC (2017).

Na etapa introdutória da disciplina, foi apresentado à turma o recorte espacial denominado Sertão brasileiro. Fazendo uso de uma abordagem diagnóstica, extraindo os conhecimentos prévios sobre o tema a partir de questionamentos, foram trabalhados especialmente os princípios de localização, extensão e analogia. Neste último princípio, foi mostrado outras regiões de terras secas, discutindo sobre as diferenças e semelhanças visíveis entre esses lugares, já construindo um elo para a abordagem dos aspectos físico-naturais da região, previstos para a aula seguinte.

Nessa etapa, a linguagem cartográfica foi notadamente imprescindível, pois o foco era a localização do recorte espacial dentro do território brasileiro. Isso implicou além da atenção ao tema da aula em si, o trabalho em desenvolver e

recompor a aprendizagem cartográfica, a fim de permitir ao discente a correta leitura e interpretação de mapas básicos e temáticos.

Para a abordagem do contexto geoambiental sertanejo, destacaram-se os princípios de analogia e diferenciação, já que essa área possui aspectos físico-naturais bastante distintos de outras regiões brasileiras. Levando em consideração a escala e o contexto. A ênfase foi dada à comparação do Sertão às demais sub-regiões nordestinas, em especial, ao Agreste e à Zona da Mata, devido a localização limítrofe, e ainda pelo fato de muitos alunos já terem visitado ou mantido contato com essas regiões, permitindo análise geoespacial mais palpável.

Nessa etapa, dentro das aulas expositivo-dialogadas foram trabalhadas competências e habilidades de Matemática, delineando a interdisciplinaridade, que é um dos requisitos para o ensino proposto pela BNCC e o NEM. A habilidade trabalhada foi (EM13MAT101), que visa “interpretar situações econômicas, sociais e das Ciências da Natureza que envolvem a variação de duas grandezas, pela análise dos gráficos das funções representadas e das taxas de variação com ou sem apoio de tecnologias digitais” (BRASIL, 2017, p. 525). Sendo abordada na análise do contexto climático do semiárido, especificamente por meio da interpretação de climogramas de diferentes localidades do Sertão nordestino.

A cartografia, também, foi importante para a espacialização dos fenômenos físico-naturais da região. Considerando o professor apenas como um mediador, bem como a importância da investigação dentro do processo de ensino-aprendizagem, foi proposto aos alunos a pesquisa, sistematização e apresentação de espécies da flora e da fauna da caatinga. Essa atividade propiciou a protagonização dos discentes na construção de uma espécie de pequeno acervo do perfil faunístico e florístico do bioma.

No tema ‘O sertão e a seca’ inicialmente foi conceitualizado o que é o fenômeno denominado seca, e por que ele se caracteriza como um evento extremo. Para isso, utilizou-se dos princípios de analogia e diferenciação, levando o aluno a compreender a assimetria entre os eventos extremos observados no sertão. Se de um lado há a seca, ‘castigando’ o sertanejo com o *déficit* hídrico, do outro, ocorrem as enchentes em áreas urbanas e rurais, prejudicando atividades socioeconômicas e agrícolas. Na discussão sobre os eventos extremos, também foi elucidado o peso

das atividades antropogênicas no agravamento desses fenômenos e dos impactos socioambientais deles decorrentes.

Marcando a história sertaneja houve ao longo dos séculos secas severas, que tiveram implicações negativas do ponto de vista social, econômico e ambiental. Esses eventos, em alguns casos devastadores, foram responsáveis por fenômenos geográficos importantes na história brasileira, como o processo de migração Nordeste-Sudeste. Analisando esse fenômeno geográfico por meio do princípio da conexão e da ordem, tecendo discussões e analisando a obra 'Os retirantes' de Cândido Portinari, que retrata uma família de retirantes nordestinos que migram para fugir da seca, da fome e da miséria.

Além disso, utilizou-se esses mesmos princípios, para analisar a 'indústria da seca', isto é, como a seca no Sertão brasileiro é utilizada como um instrumento político e capitalista, que beneficia determinados grupos, garantindo lucro e poder, buscando manter a desigualdade socioeconômica da região. Desenvolveu-se essa temática a partir da leitura de textos base para embasar as rodas de conversa, levando os discentes a refletirem sobre o contexto e as experiências de quem viveu grandes secas no Nordeste, bem como sobre como a indústria da seca se alimenta e se nutre da escassez causada pelo *déficit* hídrico no semiárido.

A análise da resistência e resiliência do sertanejo frente as intempéries por ele enfrentadas, foi um momento bastante interessante e enriquecedor, evidenciando sobretudo o princípio da ordem. Foram analisados de forma conjunta os temas abordados anteriormente, apresentando, ainda, as grandes revoltas protagonizadas pelo sertanejo, como, por exemplo, o Cangaço.

Outros fenômenos importantes explanados e reforçados foram o êxodo rural, o movimento migratório de saída da região Nordeste para outras regiões, como o Sudeste, bem como o recente fenômeno da migração de retorno. Nesse contexto, refletiu-se sobre o papel do homem nordestino na construção do Sudeste, se constituindo na principal mão de obra da construção civil e dos setores industriais que empregavam mão de obra de baixa qualificação profissional.

Além da leitura, reflexão e contextualização de fragmentos da obra 'Os Sertões' e a 'o sertanejo é antes de tudo um forte', utilizou-se dos benefícios da linguagem poética de outra obra bastante conhecida que poetizou o sertão. A obra escolhida foi a canção 'Triste Partida', protagonizada por Luiz Gonzaga e escrita

pelo poeta Patativa do Assaré, que conta a história de uma família de retirantes que, em virtude da seca, migram de sua terra natal para São Paulo em busca de melhores condições de vida. Após ouvirem a música, a turma foi convocada a realizar a leitura conjunta e posteriormente foram tecidas discussões e reflexão sobre o episódio narrado pelo poeta. Também, foi sugerido aos discentes a produção de poesias ou desenhos sobre o tema (Figura 1), que na ocasião foi abordado na semana em que se comemorava o Dia do Nordestino (08 de outubro).

Figura 1 - Evidências das ações desenvolvidas durante a disciplina 'As faces do (Ser)tão'



Fonte: Acervo da autora (2023).

Nos dois últimos temas foram priorizados os aspectos socioculturais do sertão e do homem sertanejo, compreendendo os princípios de analogia e

diferenciação. Inicialmente foi esboçado um panorama geral dos aspectos da cultura sertaneja, ou seja, foram apresentadas as principais características em termos artístico-culturais como, por exemplo, o dialeto, a culinária, a arte, e os costumes.

Porém, devido à diversidade cultural da região, e ainda pelo viés da disciplina em estimular a criatividade artística dos discentes, foi priorizada a atenção na arte da xilogravura. Assim, apresentou-se o que é, como surgiu, como é feita e exemplos. Ao final, foi realizada uma oficina de xilogravura, ou mais especificamente de 'isogravura', já que se utilizou o isopor para aplicar a técnica, devido a maior facilidade de manuseio. Foi solicitado aos estudantes que retratassem os temas discutidos durante a disciplina, resultando em um interessante material que foi posteriormente exposto no momento da culminância, fazendo da oficina um sucesso.

Por fim, um último ponto da disciplina foi a reunião e apresentação de um rico acervo de outras obras artísticas que retrataram o sertão de maneiras diversas por meio da literatura, poesia, pintura e cinema. O intuito foi mostrar para a turma os diferentes olhares sobre o sertão, retratando as suas diversas faces com o auxílio da arte. Como dito, a culminância da eletiva se deu por meio da exposição em painel do material produzido e o relato de alguns alunos sobre os temas discutidos durante a disciplina.

CONSIDERAÇÕES

A disciplina ministrada, constitui-se em uma pequena contribuição para a construção de um ensino geográfico significativo, partindo do estudo do espaço vivido para a formação do raciocínio geográfico. Em uma tentativa de romper com o modelo de uma Geografia estritamente tradicional, utilizou-se os princípios desse raciocínio, para mostrar como essa disciplina pode contribuir para a leitura crítico-reflexiva do espaço, integrando o natural e o social.

É importante esclarecer que, a criação e execução da disciplina eletiva discutida nesse artigo, não significa o apoio e romantização do polêmico modelo de ensino definido pelo NEM. Ou seja, alinha-se com autores como: Girotto (2016; 2021) e Gonçalves (2023), que discutem sobre a implantação de um projeto educativo criado sob um espectro neoliberal e neoconservador, expresso nas

recentes reformas curriculares do Brasil, que pode incorrer intencionalmente em um esvaziamento teórico-conceitual. No entanto, na condição de profissionais da educação, submetidos a um sistema hierárquico, dentro de uma perspectiva individual, pode-se fazer um trabalho diferencial diante dos interesses capitalistas infiltrados no sistema educacional brasileiro.

Diante da inegável existência de um projeto político articulado em ações cujo objetivo muitas vezes é bastante evidente, e com a subordinação das escolas dentro da hierarquia do sistema de ensino e currículos vigentes, entende-se que o professor na condição de executor do currículo, é aquele que pode intervir no processo para transformar a sociedade por meio da sua prática. Isso se torna ainda mais relevante quando se trata de disciplinas como Geografia e História, que foram as mais prejudicadas dentro desse novo modelo, ao serem secundarizadas e ‘sufocadas’ pela redução da carga horária e condensação dentro da área de Ciências Humanas.

Diante do exposto, tendo como recorte espacial o sertão nordestino, buscou-se desenvolver a capacidade crítica dos discentes na análise do espaço geográfico e de sua complexidade, desvendando fatores e determinantes, muitas vezes propositalmente ocultos, que determinam os arranjos e processos socioespaciais observados cotidianamente. Para além dos muros da escola, a disciplina visou contribuir para a formação de cidadãos críticos, capazes de intervir na sua própria história e espaço.

Por fim, é imprescindível explicitar o real intuito e significado do título da disciplina, associado ao uso da célebre frase de Euclides da Cunha, “o sertanejo é antes de tudo um forte” como *slogan*. Esses detalhes deram sentido às discussões tecidas durante as aulas, pois Euclides da Cunha retrata a figura do sertanejo como um homem guerreiro, capaz de vencer os desafios impostos pela natureza e pelo próprio homem na vida sofrida no sertão.

O ‘Ser(tão)’ expresso no título da disciplina eletiva, entrega um dos propósitos que é permitir a compreensão e percepção desse espaço como uma teia de histórias e lutas, como um pedaço da riqueza brasileira e como o berço de um povo forte. Um ser(tão) lindo, um ser(tão) forte, um ser(tão) resiliente, dentre tantos outros adjetivos que poderiam ser empregados para essa terra e esse povo encantador.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. A. M. Dois momentos na história da Geografia escolar: a Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 1, n. 2, p. 19-51, 2011. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/29>. Acesso: em 25 nov. 2022.

ASSARÉ, P. do. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. Editora Vozes, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Versão Final. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 22 mar. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CALLAI, H. C. A geografia escolar - e os conteúdos da geografia. **Revista Anekumene - Geografía, Cultura y Educación**, Colombia, v.1, n. 1, p. 128-139, 2011. Disponível em: <https://revistas.upn.edu.co/index.php/aneukumene/article/download/7097/5764>. Acesso em: 22 mar. 2022.

CASTROGIOVANNI, A. C; GOULART, L. B. A questão do livro didático em geografia: elementos para uma análise. in Castrogiovanni, A. C; et al. (org) **Geografia em sala de aula**: Práticas e reflexões. 2. ed. Porto Alegre. Editora da Universidade/ UFRGS, 1998.

CASTROGIOVANNI, A. C. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: Rego, N; Castrogiovanni, A; Kaercher, N. (Orgs.). **Geografia**: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CASTROGIOVANNI, A. C. Subir aos sótãos para descobrir a Geografia. In: Martins, R. E. M. W.; Tonini, I. M.; Goulart, L. B. **Ensino de geografia no contemporâneo**: experiências e desafios. Santa Cruz, do Sul: EDUNISC, 2014.

CAVALCANTI, L. S. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2012.

COPATTI, C; CARVALHO SOBRINHO, H. Reformas curriculares atuais e as implicações das prescrições curriculares para o/no ensino de Geografia. **Revista Geoaraguaia**, v. 12, n. especial, p. 24-43, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/14320>. Acesso em: 10 mar. 2022.

COPATTI, C. Livro didático de geografia: da produção ao uso em sala de aula. **Élisée-Revista de Geografia da UEG**, Porangatu, v. 6, n. 2, p. 74-93, 2017. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/6634>. Acesso em: 22 mar. 2022.

CUNHA, E. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante).

CUNHA, L. F. F; LEITE, C. M. C. Os componentes físico-naturais do espaço e a Geografia Escolar. **Revista Ensaios de Geografia**, Niterói, v. 6, n. 11, p. 32-54, 2020. Disponível em: https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/40945/html. Acesso em: 20 mar. 2022.

DE LA FUENTE, A. Estudo do meio: uma proposta metodológica no Ensino de Geografia. **Espaço em Revista**, v. 23, n. 1, p. 32-54, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/espaco/article/download/68073/37617/330558>. Acesso em: 10 mar. 2022.

FERNANDES, E. David Ausubel e a aprendizagem significativa. **Nova Escola**. São Paulo, 1 dez. 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/262/david-ausubel-e-a-aprendizagem-significativa>. Acesso em: 14 jun. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GIROTTTO, E. D. Dos PCNs a BNCC: o ensino de Geografia sob o domínio neoliberal. **Geo UERJ**, n. 30, p. 419-439, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/23781>. Acesso em: 22 mar. 2022.

GIROTTTO, E. D. Qual raciocínio? Qual geografia? Considerações sobre o raciocínio geográfico na Base Nacional Comum Curricular. **GEOgraphia**, v. 23, n. 51, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/45460>. Acesso em: 22 mar. 2022.

GONÇALVES, J. A Geografia Escolar e a reorganização curricular provocada pela reforma do Ensino Médio. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 13, n. 23, p. 05-20, 2023. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1153>. Acesso em: 22 mar. 2022.

LOPES, C. S; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia (Londrina)**, v. 18, n. 2, p. 173-191, 2009. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5503708/mod_folder/content/0/Texto%201%20LopesPontuschka_2009.pdf. Acesso em: 11 mar. 2022.

MORAIS, E. M. B; ASCENÇÃO, V. O. R. Uma questão além da semântica: investigando e demarcando concepções sobre os componentes físico-naturais no Ensino de Geografia. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 41, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/65814>. Acesso em: 22 mar. 2022

MOREIRA, L. R; et al. Apreciação da Base Nacional Comum Curricular e a Educação Física em Foco. **Motrivivência**. v. 28, n. 48, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p61>. Acesso em: 15 mar. 2022.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa**. Brasília: Editora da UnB, 1999.

MOREIRA, R. **O círculo e a espiral** – para a crítica da geografia que se ensina – 1. Niterói: AGB – Niterói, 2004.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. **Estágio e Docência**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

PONTUSCHKA, N; PAGANELLI, T; CACETE, N. **Para ensinar e aprender geografia**. 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

PONTUSCHKA, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: Vesentini, J. W. (org.). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papyrus, 2004. p. 47-64.

PORTINARI, C. RETIRANTES. 1944. In: Enciclopédia. Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3329/retirantes>. Acesso em: 18 set. de 2023.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SEECT/PB, Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba. Proposta Curricular do Ensino Médio da Paraíba. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 2021. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/arquivos/pdfs/PropostaCurricularDoEnsinoMdiodaParabaPCEMPB23.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004.

VASCONCELOS, C. M; MARTINELI, T. A. P. BNCC no cotidiano escolar: política educacional e a percepção docente do município de Marialva/PR. **Retratos da Escola**, v. 17, n. 37, p. 271-291, 2023. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1580>. Acesso em: 22 mar. 2022.

VESENTINI, J. W. Realidades e perspectivas do ensino de Geografia no Brasil. In: VESENTINI, J. W. (org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. São Paulo: Papyrus, 2004. p. 219-248.

YOUNG, M. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. **Revista**

Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 16, n. 48, p. 609-623, 2011.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/WRv76FZpdGXpkVYMNm5Bych/#ModalTutors>.

Acesso em: 22 mar. 2022.